

A EDIÇÃO ATUALIZADA DO BÁCULO PASTORAL DE FLORES DE EXEMPLOS DE FRANCISCO SARAIVA DE SOUSA

THE UPDATED EDITION OF FRANCISCO SARAIVA DE SOUSA'S BÁCULO PASTORAL DE FLORES DE EXEMPLOS

José Barbosa Machado*
jleon@utad.pt

Neste estudo, faremos uma apresentação da obra seiscentista *Báculo Pastoral de Flores de Exemplos*, de Francisco Saraiva de Sousa, publicada pela primeira vez em 1624 por Pedro Craesbeeck. A obra, cuja última edição é de 1738, por ter grande interesse do ponto de vista religioso, linguístico e literário, é de momento objeto de uma edição atualizada, a sair em breve. No presente estudo, daremos algumas informações bibliográficas acerca das várias edições da obra e do seu autor, falaremos do conteúdo (estrutura, temática, autores citados, etc.), referiremos algumas características gráficas e linguísticas e apresentaremos os critérios que estabelecemos para a elaboração da edição atualizada. Em anexo, incluiremos, como exemplo, a transcrição do Capítulo XXVIII da obra, relativo ao pecado da gula.

Palavras-chave: Exemplos. Histórias. Báculo Pastoral. Francisco Saraiva de Sousa. Religião.

In this study, we will present the 17th century work *Báculo Pastoral de Flores de Exemplos*, by Francisco Saraiva de Sousa, first published in 1624 by Pedro Craesbeeck. The work, the last edition of which was published in 1738, is of great interest from a religious, linguistic and literary point of view and is currently the subject of an updated edition, which will be published soon. In the present study, we will provide some bibliographical information about the various editions of the work and its author, we will talk about the content (structure, theme, authors cited, etc.), we will mention some graphic and linguistic particularities and we will present the criteria we established for the elaboration of the updated edition. Attached, we will include, as an example, the transcription of Chapter XXVIII of the work, relating to the sin of gluttony.

Keywords: Exemples. Short stories. Báculo Pastoral. Francisco Saraiva de Sousa. Religion.

•

* Centro de Estudos em Letras (CEL); Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
ORCID: 0000-0002-6517-8948

1. Introdução

O *Báculo Pastoral de Flores de Exemplos* de Francisco Saraiva de Sousa, publicado pela primeira vez em Lisboa por Pedro Craesbeeck em 1624, é uma coleção de pequenas histórias piedosas, que servem de exemplo moral para os fiéis cristãos, traduzidas para português de uma série de obras anteriores, sobretudo em latim, dedicadas ao mesmo assunto, de que se destacam, pelo número de vezes em que são citadas, o *Speculum Exemplorum* de Henrique Gran (14?? – 1527), o *Dialogus Miraculorum*, que o autor refere como *Milagres e Histórias*, de Cesário de Heisterbach (ca. 1180 – ca. 1240), o *Speculum Exemplorum* de Got Schalcus e o *Prontuário dos Exemplos* do Doutor Discípulo.

Sobre o autor da obra, Francisco Saraiva de Sousa, sabe-se muito pouco. Refere o frontispício da obra que era natural da vila de Trancoso e foi confessor das Freiras de Santa Marta. Diogo Barbosa Machado, na *Biblioteca Lusitana*, dá-nos mais algumas informações: “Aplicou-se em a Universidade de Coimbra à Faculdade dos Sagrados Cânones em que recebeu o grau de Licenciado” (1747, II, p. 259). Isso, acrescenta, fê-lo “digno de ser Pároco de N. Senhora dos Mártires de Lisboa, e Confessor das Religiosas do Seráfico Convento de Santa Marta da mesma Cidade. Foi muito versado na Teologia Mística, e na lição dos Santos Padres” (1747, II, 259). Publicou ainda uma *Segunda Parte do Báculo Pastoral de Flores de Exemplos*, impressa em Lisboa por António Alvarez em 1657 e reimpressa pelo menos mais três vezes (1682, 1703 e 1708).

A obra insere-se numa longa tradição de recolha num mesmo volume de pequenas histórias, mais ou menos verdadeiras, mais ou menos fantasiosas, com objetivos religiosos e/ou morais. Em Espanha, temos, entre outras, o *Libro de los Exemplos por A. B. C.* (início do século XV) de Clemente Sánchez de Vercial, autor do *Sacramental*, o primeiro livro impresso em língua portuguesa (1488); em Portugal, temos os *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo* (1575) de Gonçalo Fernandes Trancoso. Os autores deste tipo de obras são mais compiladores do que propriamente autores dos textos e vão repetindo as histórias, por as terem lido ou ouvido, dando-lhes, no entanto, um cunho pessoal, conforme o que pretendem transmitir.

No presente estudo, falaremos da estrutura e da temática da obra, referiremos algumas características gráficas e linguísticas, apresentaremos algumas questões relacionadas com a edição atualizada que está em curso, dando conta dos critérios que estabelecemos, e apresentaremos como exemplo a edição do Capítulo XXVIII, relativo ao pecado da gula.

2. Estrutura e temática

A estrutura do *Báculo Pastoral* segue de perto o catecismo católico. Cada capítulo é dedicado a uma oração em particular (sinal da cruz, padre-nosso, ave-maria, credo e salve-rainha), aos mandamentos da lei de Deus e da Igreja, aos conselhos evangélicos, aos sete pecados mortais, aos sete sacramentos, às obras de misericórdia, às virtudes teologais e às bem-aventuranças. Para cada capítulo são apresentadas algumas histórias, sempre com uma lição moral. Esta estrutura é original (desconhecemos outras obras

anteriores do género) e tem um objetivo didático. A doutrina que todo o bom cristão deve saber é reforçada com histórias exemplares, que tornam a leitura e a aprendizagem bastante mais amenas.

A voz do autor deixa-se ouvir sobretudo nas introduções de cada capítulo, em que explica o tema proposto em cada um deles, e nalgumas considerações que faz entre os exemplos ilustrativos que apresenta, ou no final dos mesmos. Temos, entre outras, “Considerações do sinal da cruz” (1738, p. 15), “Considerações da virtude da humildade” (1738, p. 211), “Considerações da virtude da liberalidade” (1738, p. 222), “Considerações sobre a virtude da temperança” (1738, p. 236), etc. É nestes momentos que o autor demonstra os seus conhecimentos filosóficos e teológicos, de grande erudição e sensatos quase sempre, tendo em conta a mentalidade da época.

No Prólogo, o autor explica a quem se destina a obra: aos pais cristãos que devem “doutrinar seus filhos com os exemplos da doutrina cristã, e com as heroicas obras dos assinalados varões da Igreja, tão verdadeiros como proveitosos pela autoridade dos santos” (1738, p. II). E dirigindo-se a esses pais, procura convencê-los a utilizar a obra nos seguintes termos: “Nela com pouco trabalho podeis ensinar vossos filhos, deixando-lhes com tal instrução o mais nobre morgado de raiz e fixa propriedade, que vosso paternal amor lhes podia granjear” (1738, p. II).

Para tornar, certamente, a leitura menos pesada, o autor utiliza a estratégia de perguntas e respostas (através das siglas P. / R.), bastante popular nos catecismos, colocando-se no papel de leitor que pretende ser instruído acerca de determinado ponto doutrinal. Apresentamos um exemplo: “P. Que quer dizer avareza? / R. Avareza é um pecado mortal, o qual tem duas significações” (1738, p. 216).

Inocêncio Francisco da Silva, no seu *Dicionário Bibliográfico Português*, considera que o autor se mostra “talvez crédulo em demasia, e nem sempre avaliou à luz da crítica as histórias que relata. Entretanto, o seu estilo é claro e fluente, e a linguagem de que usa é própria da época em que escreveu” (1859, p. 59). De facto, o conteúdo de muitas das histórias é sobretudo fruto de piedosas fantasias de fundo supersticioso: aparições de almas de falecidos, aparições de anjos, de Cristo e Nossa Senhora, milagres mirabolantes, o constante papel do diabo como culpado das tentações e erros humanos, etc.

O primeiro tradutor da Bíblia, João Ferreira de Almeida, no seu *Diálogo Rústico e Pastoril* (1681), refere diversas vezes o *Báculo Pastoral* de Francisco Saraiva de Sousa, sempre para tecer duras críticas. Numa delas, a propósito do sacramento da confissão, diz a um amigo que alguns cristãos têm de tal forma receio à confissão que preferem perder-se a confessarem certos pecados ao sacerdote, “como assim o confirmam os tristes, lastimosos, lamentáveis, porém fingidos e falsos exemplos, que você, não há ainda muito tempo, no décimo oitavo capítulo do *Báculo Pastoral* nos leu” (1681, p. 168).

Sobre os milagres amplamente divulgados em obras de cariz piedoso pela clerezia católica como verdade de fé, tal como o *Báculo Pastoral*, João Ferreira de Almeida observa:

Todos esses e semelhantes milagres são tão falsos, maliciosos e fingidos, como o mesmo fingimento, malícia e falsidade; e inventados somente pela astúcia do demónio, e subtileza e indústria de nossos mesmos sacerdotes, clérigos, frades e freiras. Pois todos vão

encaminhados a por bom, santo e divino nos venderem e encasquetarem o que Deus, nosso Senhor mesmo, em sua Santa Palavra, por mal, profano e diabólico rejeita, reprovava e condena; e, como tal, também a todos, sob pena de maldição no-lo proíbe [...]. Porque nunca Deus, nosso Senhor, com milagres alguns aprovou, nem tão-pouco agora aprova, doutrinas algumas falsas, que homens alguns, por indução e engano do demônio, se imaginaram e inventaram, e ainda de ordinário se imaginam e inventam. (1681, pp. 439–440)

No frontispício, abaixo do título, é explicada a origem dos exemplos e a utilidade do *Báculo*: “Colhidos de vária e autêntica história espiritual sobre a doutrina cristã, utilíssimo para todo o cristão que procurar salvar-se e instruir seus filhos com bons exemplos”.

Os temas mais comuns das histórias são os seguintes: castigos neste e no outro mundo por pecar ou não se cumprirem rituais, orações e jejuns ou violar os mandamentos; curas de enfermidades; feiticeiras, demônios e endemoninhados; fantasmas de falecidos; sonhos, visões e aparições; tentações da carne; conversões e milagres. Quase todas as histórias entram no âmbito do fantástico. Muitas delas apresentam um Deus com os mesmos defeitos humanos: vingativo, ciumento, etc. É o caso referido no capítulo XXIII, exemplo IV:

Conta-se na *Crónica de S. Francisco*, 1. part. lib. 4. cap. 103, que um sacerdote, sendo chamado por Deus ao estado da religião, fez voto de entrar na de S. Francisco. Porém, depois que fez tão mal que, quando havia de cumprir o voto, recebendo o hábito roto, o trocou por uma conezia que lhe deram. Mas Deus, que contra ele estava indignado, lhe deu logo uma grave enfermidade; e ainda que lhe durou seis meses, de que devia tomar exemplo e melhorar-se, antes se endureceu mais (1738, p. 202).

O tom das histórias é, de um modo geral, grave e quase sempre ameaçador, tendo em conta os castigos que aguardam os prevaricadores. No entanto, algumas têm certo tom chocarreiro, como são o caso do avarento que às portas da morte engoliu um saco de moedas e assim se afogou (Capítulo XXV, exemplo VI, p. 221); o caso do sodomítico que não conseguia resistir aos mancebos sem que lhe desse a tentação (Capítulo XXVI, exemplo I, pp. 224–225); ou o caso da freira que furtava no convento toda a comida que podia para satisfazer o vício da gula e que foi castigada por Deus a comer farelo para os porcos (Capítulo XXVIII, pp. 234–235, que transcrevemos no presente estudo).

Além de *exemplo* / *exemplos*, o autor refere-se aos relatos que vai transcrevendo como *história* / *histórias* e *caso* / *casos*. Apenas uma vez se refere a *contos*, para os diferenciar das histórias verdadeiras que apresenta: “Tão pouco não fez mais caso delas, que se foram contos e histórias de meninos” (1738, p. 143).

O período temporal dos exemplos vai desde o século IV d.C. (com relatos retirados da obra *Vitae Patrum*) até 1623, ano imediatamente anterior ao da publicação da obra. O autor cita uma carta de um padre da Companhia de Jesus ao Padre Ricardo Aler, confessor da rainha Dona Margarida de Áustria: “Diz na carta de 9 de março de 1623 em como no mês de janeiro do dito ano acontecera o caso seguinte” (1738, p. 84). Quanto aos locais onde pretensamente ocorreram os eventos contados nas histórias, o autor faz questão,

sempre que possível, de os referir: “Havia um frade da Ordem dos Pregadores, o qual vivia na cidade de Bruxelas, nas partes de Flandres” (1738, p. 4); “Aconteceu na cidade de Bolonha a uma moça de idade de dezasseis anos” (1738, p. 9); “Aconteceu na cidade de Burgos a um cidadão, o qual tinha tão grande ódio e rancor a outro” (1738, p. 52); “Conta Fr. Cristóvão Moreno, Jornada 4. cap. 15, que junto a Marselha, terra de França, houve um conde mui devoto do Santíssimo Sacramento” (1738, p. 179); “Em uma cidade de Alemanha, andando muitos segadores trabalhando por jornal de vésperas de um santo, ouviram tanger às vésperas” (1738, p. 85); etc.

Identificámos uma história que ocorre em território nacional, relatada no Exemplo VII do Capítulo XVIII (1738, pp. 155–157), que trata dos mandamentos da lei de Deus. Aí se conta a história, retirada do *Speculum Exemplorum* de Henrique Gran, de um pajem da rainha Santa Isabel que o rei D. Dinis mandou matar por ciúmes.

No Exemplo VII do capítulo XXX (1738, pp. 327–331), subintitulado “*Dar pousada aos peregrinos*”, é transcrita uma história de um autor português. Francisco Saraiva de Sousa informa que a retirou da *Chronica dos Menores* de Frei Marcos de Lisboa. A obra é no seu título original *Crónicas dos Frades Menores* (Primeira Parte, publicada em 1557; Segunda Parte, em 1562). No exemplo se conta a história de um capitão (embora o autor não o identifique, pela descrição duvidamos que seja português) que era muito avarento. Acolhendo em casa dois frades franciscanos, devido à intervenção da esposa, acolheu-os bem, confessou-se de todos os seus pecados e morreu em paz.

O autor tem a preocupação de, no início de cada exemplo que apresenta, citar a fonte donde o retirou: “Conta o bispo Cesário lib. 10. cap. 3. que havia um frade da Ordem de S. Bernardo” (1738, p. 19); “A este propósito folguei de achar uma história breve no *Prado Espiritual das Flores*, de Henrique Gran libr. 4. cap. 102” (1738, p. 35); “Lembre-me a este propósito uma história, que achei em *Speculum exemplorum, verbo homicidium*, tom. 1. exemplo 1. O autor é Got Schalcus Holon da Ordem dos Eremitas de Santo Augustinho serm. 99. lit. D.” (1738, p. 104); etc. Algumas das citações são em segunda mão: “O autor é digno de fé: escreve-a o Cardeal Barónio 2. tom. pág. 292, tirada do Bispo Eusébio Cesariense lib. 5. cap. 7.” (1738, p. 131); “E afirma Ireneu, referido por Eusébio Nicéforo, que em seu tempo levavam à igreja os mortos” (1738, p. 141); etc.

Ainda no que se refere às citações, o autor tem o cuidado de informar que algumas das histórias se repetem em vários autores e obras: “Conta esta história o bispo Jacobo Genovês na vida de S. Domingos, refere-se em *Magnum speculum exemplorum*, exemplo 5” (1738, p. 10); “Escreve-a S. Gregório nos seus *Diálogos* c. 7. l. 3. refere-se em *Speculum exemplorum, verbo Crucis, signum*, exemplo 2. tom. 2.” (1738, p. 11); “Primeiramente conta Henrique Gran no seu *Speculum exemplorum*, de quem o tomou o Doutor João Basílio no *Prado Espiritual* lib. 4. cap. 4. lit. C” (1738, p. 165); “deu por autor o doutor chamado Discípulo 1. part. serm. 26. p. 101, a qual história tirou das *Vidas dos Santos Padres* lib. 12. das Colações” (1738, p. 195); etc.

Um pormenor curioso é o facto de o autor defender o sistema astronómico de Ptolomeu, o geocentrismo. Explica ele na introdução ao Capítulo XXX: “O Sol, a Lua, Planetas e todos os corpos celestiais cada dia dão uma volta ao mundo para nosso serviço” (1738, p. 245). Ora, à data em que o *Báculo Pastoral* foi redigido, Galileu já tinha publicado *Siderius Nuncius* (1610), obra em que defende o heliocentrismo. Ou o autor

não tivera ainda conhecimento da nova teoria, ou face à sua condenação por parte da Igreja, teria decidido não se aventurar, não fosse o Santo Ofício censurar-lhe o livro. No entanto, mais de cem anos depois, os editores mantiveram a passagem com a visão geocêntrica. Respeito pelo que o autor escrevera, mesmo estando errado, ou receio da Inquisição? De facto, só em 1758 é que a proibição geral contra as obras que defendiam o heliocentrismo foi removida do *Index Librorum Prohibitorum* (Coyne, 2005, p. 347).

3. Características gráficas e linguísticas

A edição de 1738 (Sousa, 1738), a nível gráfico, está dentro dos usos da época e difere, em muitas situações, das normas ortográficas atuais. A diferença mais notória é na ditongação nasal. Assim, os ditongos nasais do singular *-ão* e *-ãe* são, regra geral, transcritos como *-aõ* e *-ãÿ*. Temos, por exemplo: *Oração, naõ, tenção, nação, maõ, benção, mãÿ*, etc. Os plurais em *-ão* estão de acordo com o uso atual: Ex.: *Orações, ocasiões, destilações, Ermitães, irmãos, mãos*, etc.; à exceção de *-ãe*, em que é mantido o *y* do singular: *mãÿ / mãÿs*. A palavra *lã* é grafada como *lam* e *são* (o mesmo que *saudável*) como *sam*.

Na flexão verbal, em particular a que diz respeito à terceira pessoa do plural, o ditongo nasal *-aõ* representa as terminações tónicas em *-ão* e as terminações átonas em *-am*. Assim, no presente do indicativo, temos, por exemplo: *armaõ, causaõ, chorãõ, deitaõ, dezejaõ, honraõ, haõ, mostraõ, saõ, significaõ*, etc. No presente do conjuntivo: *estejaõ, entendaõ, possaõ, sejaõ, vejaõ*, etc. No pretérito imperfeito: *admiravaõ, adoravaõ, confessavaõ, ensinavaõ, entendiaõ, estavaõ, gozavaõ, ouviaõ, viviaõ*; etc. No futuro imperfeito é quase sempre acrescentado um acento gráfico, ora agudo, ora grave, ao ditongo (*-áõ / -ãõ*): *choraráõ, conheceráõ, empeceráõ, entresteceráõ, escureceráõ, faráõ, ficaráõ, passaráõ*, etc. A forma *veraõ* (do verbo *ver*) aparece sem acento gráfico.

As terceiras pessoas do plural do pretérito perfeito merecem nota à parte, pois apresentam algumas variações. Nos verbos em *-ar*, é acrescentado um acento na penúltima sílaba, que pode ser agudo, como em: *acháraõ, chamáraõ, deixáraõ, desamparáraõ, ficáraõ, guardáraõ, veneráraõ, viráraõ, zombáraõ*, etc.; ou grave, como em: *abraçáraõ, alcançáraõ, emendáraõ, ficáraõ, guardáraõ, tiráraõ*, etc. Nos verbos irregulares com radical diferente no pretérito perfeito, o acento gráfico na penúltima sílaba raramente é utilizado: *deraõ, fizeraõ, quizeraõ, tiveraõ, trouxeraõ, vieraõ, víraõ*, etc. As formas dos verbos em *-er* apresentam quase sempre um acento circunflexo na penúltima sílaba: *apparecêraõ, bebêraõ, comêraõ, crêraõ, entendêraõ, escarnecêraõ, escolhêraõ, nascêraõ, offendêraõ, procedêraõ*, etc. A forma *viveraõ* não é grafada com o acento circunflexo, podendo confundir-se com o futuro imperfeito.

Ainda acerca da flexão verbal, a terceira pessoa do singular do pretérito perfeito dos verbos em *-er* termina ora em *-eo*, ora em *-eu*, embora as formas em *-eu* sejam mais frequentes: *padeceo, succedeo / succedeu, aconteceu, apareceu, mereceu, respondeu, ofereceu, venceu*, etc. Nos verbos em *-ir*, a terceira pessoa do singular termina sempre em *-io*: *descobrio, despedio, desprio, fingio, inquirio, instituio, partio, pedio, redimio / redemio, reduzio, resistio, resurgio, sahio-lhe, sentio, subio*, etc.

A conjugação pronominal apresenta grande variação. Ora é utilizado o hífen para separar os pronomes das formas verbais, ora aparece tudo unido, ora alguns componentes têm hífen, mas outros não, como no caso da mesóclise. Com o hífen usado de forma regular temos: *acolheu-se, achou-se, aproveitando-nos, benzendo-se, disse-lhe, fazendo-lhes, foraõ-na hindo-se, mandou-lhe, ocupando-vos, parece-me, pondo-se, respondeu-lhe, queixar-se-aõ, tirando-lhes, tomou-o, trouxeraõ-lhe*; etc. Sem hífen e com o pronome unido ao verbo, temos: *aproveitarse, armaivos, darlhe, desprezallas, doulhe, engulilo, meterlhe, pozme, redemillos, recebello, saberse, salvallos, sabellos, humilharse, atribuirsse, vestivos*, etc. Com hífen e sem hífen nas formas em mesóclise: *beijarlhesheis, contarlheshey, darse-te-ha, ficarvos-há, lançallo-haõ, livrarvos-há, pôrte-ha*, etc. Encontramos também alguns casos sem hífen com o pronome ou o morfema final separados do verbo: *poz se, abrazavaõ nos, ficar-vos ha*, etc.

Do ponto de vista fonético, ocorrem alguns fenómenos dignos de nota:

- Metátese do *r*: *atromentava, chalratar, intredicto* (por *interdito*), *pertende, pertendem, pertendemos, pertendia, pertendente, pertendentes, pertençaõ* (por *pretensão*), *preverso, prevertidos, tromentos*, etc.
- Oscilações vocálicas entre *e/i* em relação ao uso atual: *adivinhandõ, alevia, arripiáraõ, arripiou, cemeterio, ceremonias, defamadores, deligentes, destintos, distributiva, diffinindo, dilicias, edeficaria, hidropesia / hydropesia, librees* (o mesmo que *lebréus*), *liviandade / levianamente, parlesia* (o mesmo que *paralisia*), *premicias, princepe / principe, princepes / principes, redimido, redemidos, redemio / redimio, redemillos, redemir, tengio* (o mesmo que *tingiu*), *traviceiro, vendimada, vendimado, vendimou-a, viviráõ, vivirás*, etc.
- Oscilações vocálicas entre *e/a* e *e/o* em relação ao uso atual: *camera, desemparáraõ, desestrada* (por *desastrada*), *presenteiro* (por *prazenteiro*), *resvelava, resvelavaõ, resvelasse* (de *resvalar*), *terremotes, traspasso, ventagem*, etc.
- Síncope de *b, g, r* e *s*: *sovertia, sumergidos, sumissaõ, sutilmente, persinando-nos, postraram* (por *prostraram*), *florecente, floreciam, reposta* (por *resposta*), *convaleceo*, etc.
- Redução do ditongo *-ou*: *froxõ* (por *frouxo*), *froxidaõ, provera* (por *prouvera*), etc.
- Prótese: *alampada, alampadas*.
- Anaptixe: *golotões* (por *glutões*).
- Epêntese: *saye* (por *sai < sae*) e *peyor* (por *pior < peor*).
- Vogais em hiato: *candeas, cea, chea, premea, refrea, refreaõ, reverencea* (por *reverencia*), *reverencee* (por *reverencie*), *senhoree* (por *senhoreie*). Noutras formas, como em *saye* e *peyor*, evidencia-se a solução do hiato.

Há a ocorrência de alguns arcaísmos a nível lexical e morfossintático, como: *Entonces, commua, commuas* (feminino de *comum*), *dous, absoluto* (por *absolto*), *ha de mister* (*haver de mister*), *ametade, debiles* (por *débeis*), *nosoutros / nósoutros, vósoutros*, etc.¹

¹ *Entonces, nosoutros e vosoutros*, em textos do século XVII e XVIII, não podemos considerá-los castelhanismos, uma vez que ocorrem em textos portugueses dos séculos XIV, XV e XVI. (Para *entonces* cf. Nunes, 1989, p. 345; para *nosoutros* e *vosoutros* cf. Machado, 2022, vol. 3, p. 309 e vol. 4, p. 473).

A nível morfosintático, há também algumas particularidades que merecem referência:

- Ausência de contração da preposição *em* com o artigo definido. Ex.: “havia posto os olhos com má tenção *em huma* serva de Deos” (Sousa, 1738, p. 12); “*Em hum* Lugar chamado Abuigo, havia uma mulher nobre de geração” (p. 20); “fuy guiada por hum Anjo, pozme *em hum* caminho, e me disse” (p. 20); “este soldado entrando *em huma* Igreja” (p. 18); “traziaõ hum manjar muito gostoso *em humas* escudellas muy çujas, e negras” (p. 64); etc.
- Uso do artigo definido contraído com a preposição *a* (*à*, *ao*) nalguns complementos diretos e indiretos. Ex.: “naõ queiras perder o sono, que te fará mal e prejudicará *à* tua saúde” (Sousa, 1738, p. 246); “sahiraõ da Igreja e acháraõ *ao* ladraõ” (p. 125); “ficaraõ espantados de ver *ao ladraõ*” p. 125); “chamaraõ *ao* Patriarca S. Domingos, para acudir ao Frade” (p. 10); “pertendia fazer com a mãy da moça, que matasse *ao* marido” (p. 14); “Consideray aquella temerosa maldição, com que elle ameaçou *aos* ricos deste Mundo” (p. 222); etc.
- Ausência do artigo definido antes dos possessivos na maior parte dos contextos. Ex.: “naõ abro *minha* porta” (Sousa, 1738, p. 236); “e como nella obrou *nossa* redempção” (p. 15); “em satisfação de *nossos* peccados” (p. 16); “e que os demonios viessem para levar *sua* alma” (p. 15); “derramou *seu* preciosissimo Sangue” (p. 16); “chamáraõ *seus* parentes” (p. 20); etc. Com o artigo, temos, entre outros, os seguintes exemplos: “aqui deve estar todo *o nosso* espirito e pensamento occupados” (p. 151); “ahi se conta de hum monge que tinha *a sua* cella longe da agua” (p. 248).
- Pelo menos num caso, o agente da passiva é introduzido pela preposição *de* em vez de *por*: “o sono, que vinha aos Frades no coro, quando cantavaõ, ou rezavaõ, *era causado do demónio*” (Sousa, 1738, p. 246).
- Uso preferencial do gerúndio em vez de *a* + infinitivo depois do verbo *estar* ou *andar*. Ex.: “Estando o patriarca S. Bento *hum* vez *ceando*” (Sousa, 1738, p. 14); “depois de estar *ouvindo*” (p. 21); “estando um pregador *ensinando* a Doutrina” (p. 22); “estavaõ *fazendo* Doutrina aos meninos” (p. 21); “estavaõ *cantando* Matinas” (p. 125); “onde esteve *fazendo* vida santa” (p. 131); “andando muitos segadores *trabalhando* por jornal de vespas de hum santo” (p. 85); “Andando *visitando* certos Mosteiros um abade por nome Henrique, estando *dormindo* *hum* noite, vio *hum* visaõ” (p. 110); “*hum* vez andando *passeando* em seu paço” (p. 324); etc.
- Variação na concordância de número (singular / plural) entre o sujeito, os verbos, os adjetivos e os pronomes da mesma frase. Ex.: “*estay* atento, se *vos* aplicardes a ouvillos e *considerares* nelles” (Sousa, 1738, p. 124); “*vós* ficais *envergonhado*” (p. 131); “por tanto *tomay* exemplo, se *fores* ferido com esta censura” (p. 145); “*Chamey-te* e não *quizestes* ouvirme, antes me *deixaste*, e *desprezaste* por uma dignidade” (p. 202); “*Consideray* tambem o *que foste* no nascer, e *sois* na vida, e na morte” (p. 211); “*sabey-vos* mortificar, e *sede modesto* no olhar, refreando em todas as occasiões *vossa* vista” (p. 252); “impossivel será não *colherdes* aqui muitas flores, para *arrancardes* os ódios, e *perdoares* as injurias a vossos inimigos” (pp. 341–342); etc.

- Orações finais com o conector *por* em vez de *para* seguido de infinitivo. Ex.: “todavia havemos de fugir muito, *por* não mentir” (Sousa, 1738, p. 130); “Elles *por* levar a sua adiante” (p. 130); “andemos com muitos cautela, refreando-a muitas vezes, *por* não cahirmos em tantas variedades de peccados” (p. 98); “*Por* dar a entender o grande desejo que della se ha de ter” (p. 381); “Agora, *por* dar fim a estes exemplos, e doutrina, resta tratar do quarto Novissimo” (p. 408); “*fostes enviado ao Mundo, por salvar aos peccadores*” (p. 436); etc. Nalguns contextos, ocorre na mesma frase o uso dos conectores *para* e *por*. Ex.: “e cançados elles mesmos de padecerem tal dor, se mordião huns aos outros, *para* ver se acabavaõ de morrer uma vez, *por* não morrerem tantas” (p. 421).
- Construções sintáticas atualmente em desuso. Ex.: “e *pelo modo por onde* este ladraõ pecava, por ahi o castigou Deos” (p. 126); “perguntando-lhe *o como* se houvera na morte, lhe disse” (p. 132); “Perguntando hũ monge a outro padre, *que como* podia huma alma alcançar humildade, respondeo” (p. 213); etc.

4. Edição atualizada

Os dados das edições / impressões existentes do *Báculo Pastoral de Flores de Exemplos*, recolhidas na Porbase, na *Bibliotheca Lusitana* e no *Dicionário* de Inocêncio, são os seguintes: *editio princeps*, 1624; 2.^a impressão, 1628; impressão de 1657; 6.^a impressão, 1676; 7.^a impressão, 1682; 8.^a impressão, 1690; 8.^a impressão, 1698; 9.^a impressão, 1708; 10.^a impressão, 1719; 10.^a impressão, 1738. Em dois casos, os impressores mantiveram a mesma numeração da impressão (a 8.^a e a 10.^a). Desconhece-se qual o número da impressão de 1657, referida por Diogo Barbosa Machado, e não é possível identificá-la nos exemplares conhecidos. Será uma das impressões em falta: 3.^a, 4.^a ou 5.^a. No total, terão sido onze as edições e, segundo a Porbase, existem atualmente exemplares das edições de 1624, 1628, 1676, 1682, 1690, 1698, 1719 e 1738. Diz Inocêncio que “a multiplicidade de edições sucessivas desta obra é argumento incontestável da boa aceitação, que sempre mereceu” (1859, p. 59).

O título da *editio princeps* (1624) é *Baculo Pastoral de Flores de Exemplos Divinos*. A palavra *Divinos* foi cortada do título nas edições seguintes, que passou a ser simplesmente: *Baculo Pastoral de Flores de Exemplos*, seguido em caracteres mais pequenos de outras informações que variam conforme as edições. No entanto, a palavra *Divinos* é acrescentada ao título que se repete depois da página com as Licenças. Na edição de 1628, acrescenta-se que o livro é “dedicado ao Dom Theodosio segundo deste nome Duque de Bragança”, dedicatória que já não aparece a partir da edição de 1676. Pelo facto de D. Teodósio ter falecido em 1630, supõe-se que o autor, ou os impressores de sua livre iniciativa, entenderam que já não fazia sentido manter a dedicatória e retiraram-na nas edições seguintes.

Para a base da nossa edição atualizada, optámos pela última edição, a de 1738, uma vez que a primeira e a segunda são ainda incompletas, e das seguintes que foram feitas ainda em vida do autor não se conhecem exemplares. Esta edição, segundo o frontispício, foi impressa em Lisboa Occidental, na Officina de Manoel Fernandes da Costa, Impressor do Santo Officio, “à custa da Irmandade de Santa Catarina”. Este patrocínio repete-se nas

edições de 1676, 1682, 1690, 1698 e 1719. A partir da edição de 1628, foi acrescentada “a horrenda, & admiravel historia do Purgatorio de São Patricio”. Pelo menos a partir da edição de 1676, há outros acrescentos: “novamente acrescentado nesta sesta Impressão com o Acto de Contrição do R. P. Cõmissario dos Terceiros do Carmo & a historia do Purgatorio de S. Patricio, & huma Oração de S. Agostinho...”. A edição de 1738 mantém todos os acrescentos. Esta edição, com a informação de ser a “decima impressã”, parece ser cópia da edição oitava ou nona (se é que esta existiu), uma vez que parece ignorar que repete o número da também denominada “decima impressã” de 1719.

O exemplar impresso de que nos servimos para a edição atualizada tem 8 páginas iniciais com o frontispício, o Prólogo, o Ato de Contrição e as Licenças, mais 438 páginas numeradas e duas de índice. Exceto as duas primeiras, as edições anteriores de que existem exemplares conhecidos têm apenas 406 páginas (as de 1676, 1682, 1690, 1698 e 1719).

Na atualização do texto, tivemos em conta os seguintes critérios:

- Algumas palavras que iniciam por maiúscula, sobretudo substantivos comuns, transcrevemo-las em minúscula. Ex.: *Artigo, Bispo, Christão, Christã, Discipulos, Fé, Lugar, Mandamento, Oração, Orações, Padre*, etc.
- Unimos certas palavras de acordo com o uso atual. Ex.: *a caso > acaso, à manhã > amanhã, com tudo > contudo, entre tanto > entretanto, em quanto > enquanto, já mais > jamais, por quanto > porquanto, por tanto > portanto, por ventura > porventura, sobre tudo > sobretudo*, etc.
- Separámos algumas outras que se encontram unidas. Ex.: *desorte > de sorte; embaixo > em baixo; eisque > eis que; nosoutros / nósoutros > nós-outros; vósoutros > vós-outros; porque > por que; senão > se não; sobpena > sob pena*; etc.
- Corrigimos alguns erros de tipografia, muito poucos aliás, o que prova que os tipógrafos fizeram, comparativamente com outras obras da época, um ótimo trabalho. Ex. *elmola > esmola; sentindo > sentido; que que > que; trazer-mos > trazermos; cap. 11 > cap. 13*; etc.
- Atualizámos o uso da vírgula, do ponto e vírgula e dos dois pontos.
- Desdobrámos as abreviaturas utilizadas (ex.: *q > que*), mantendo apenas as relativas a citações latinas.
- Acrescentámos palavras, letras ou sílabas em falta devido a erro de tipografia. Ex.: “ao mor de Deos” > “ao amor de Deos”; “E quantos hoje mereciam castigados!” > “E quantos hoje mereciam *ser* castigados!”; “Bemdissimo” > “Benditíssimo”; “reincido” > “reincidido”; “levantan-lhe” > “levantando-lhe”; etc.
- Mantivemos a variação na concordância sintática de número (singular / plural), característica linguística da época, para não desvirtuarmos o estilo do autor.
- Separámos do corpo do texto o discurso direto das personagens através de parágrafo e travessão.

5. Edição atualizada do Capítulo XXVIII

A estrutura deste capítulo é diferente da esmagadora maioria dos capítulos da obra, uma vez que o autor vai intercalando na introdução os vários exemplos, conforme avança na explicitação dos casos em que a gula é pecado mortal, suas espécies e filhas. Há apenas mais três capítulos assim, o XXVII, o XXXIII e o XXXIV. Nos restantes, os exemplos estão separados da introdução e encontram-se numerados em subcapítulos: *Exemplo I*, *Exemplo II*, *Exemplo III*, etc.

Depois de colocar cinco questões e as respetivas respostas, o autor apresenta seis exemplos, que vai comentando: no primeiro, relatado por Helinando Monge, fala-se do colóquio que teve o Bispo Gelvacense com um monge acerca do que costumava comer; o segundo, contado por Cesário, fala de certos homens que não fizeram jejum em dia de cinza e foram castigados pela sua gula; o terceiro, contado por Beda, é sobre uma religiosa que furtava comida no convento e a que já aludimos; o quarto, relatado pelo Bispo Cesário, fala de um clérigo, “grande amigo de comer e beber”, que encontrou um sapo no fundo de uma garrafa; o quinto, também de Cesário, conta que um homem que tinha morrido aparece ao filho e lhe deixa pendurados na porta sapos e serpentes; o último, tirado da *Scala Coeli* de Joanes Júnior, fala do caso de um homem que ficou tão gordo por tanto comer “que não podia consigo mesmo e as carnes lhe caíam umas sobre outras”. O capítulo termina com umas *Considerações sobre a virtude da temperança*, onde é relatado mais um exemplo, retirado do *Espelho dos Exemplos*, em que se fala de um arcebispo que gostava tanto de figos que, ao sentar-se à mesa, se esqueceu, por ter tanta fome, de lançar a bênção.

Financiamento: Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), no âmbito do Centro de Estudos em Letras, com a referência n.º UIDB/00707/2020 (DOI 10.54499/UIDB/00707/2020 – <https://doi.org/10.54499/UIDB/00707/2020>).

Referências

- Almeida, J. F. (1681). *Dialogo rustico e pastoril, entre o vura de huã aldea e hum pastor de ovelhas...* [Amsterdão].
- Coyne, G. V. (2005). The Church's most recent attempt to dispel the Galileo myth. In E. McMullin (Ed.), *The Church and Galileo* (pp. 340–359). University of Notre Dame Press.
- Machado, D. B. (1747). *Bibliotheca Lusitana* (tomo II). Na Officina de Ignacio Rodrigues.
- Machado, J. B. (2022). *Índice analítico do vocabulário dos incunábulo em língua portuguesa* (4 vols.). CEL.
- Nunes, J. J. (1989). *Compêndio de gramática histórica portuguesa* (9.ª ed.). Clássica Editora.
- Silva, I. F. (1859). *Diccionario bibliographico portuguez* (tomo III). Imprensa Nacional.
- Sousa, F. S. (1624). *Baculo pastoral de flores de exemplos divinos*. Pedro Craesbeeck Impressor delRey.
- Sousa, F. S. (1628). *Baculo pastoral de flores de exemplos*. Pedro Craesbeeck Impressor delRey.
- Sousa, F. S. (1657). *Segunda parte do Baculo pastoral de flores de exemplos*. Antonio Alvarez Impressor.

- Sousa, F. S. (1676). *Baculo pastoral de flores de exemplos*. Officina de Antonio Rodriguez d'Abreu.
- Sousa, F. S. (1682). *Baculo pastoral de flores de exemplos*. Officina de João Galraão.
- Sousa, Francisco Saraiva de (1690). *Baculo pastoral de flores de exemplos*. Officina de João Galraão.
- Sousa, F. S. (1698). *Baculo pastoral de flores de exemplos*. Officina de Antonio Pedrozo Galraão.
- Sousa, F. S. (1719). *Baculo pastoral de flores de exemplos*. Officina de Miguel Manescal.
- Sousa, F. S. (1738). *Baculo pastoral de flores de exemplos*. Officina de Manoel Fernandes da Costa.
- Trancoso, G. F. (1982). *Contos & histórias de proveito & exemplo (1575)* (edição fac-similada da impressão de 1575). Biblioteca Nacional.
- Vercial, C. S. (2000). *Libro de los exemplos por A. B. C.* (J. E. Keller & C. L. Scarborough, Eds.). Ars Libris.

[recebido em 13 de novembro de 2024 e aceite para publicação em 20 de junho de 2024]

Anexo 1

CAPÍTULO XXVIII

Do quinto pecado mortal, que é gula

P. Que quer dizer gula e quando é pecado mortal ou venial?

R. Gula, conforme S. Tomás, 2.2. q. 128. art. 1, é um apetite desordenado de comer e beber, e uma gulodice insaciável, que se não contenta senão excedendo o modo à natureza; e assim este pecado da gula não consiste em comer com gosto e sabor o manjar gostoso e saboroso (porque isto nenhum pecado é), senão em desejar ou tomar desordenadamente o deleite do manjar, ou beber, excedendo na quantidade do tempo, etc. Por esta deleitação, ainda que este vício muitas vezes é pecado venial, porém é porta de muitos e grandes pecados e perigos.

P. Como saberei quando este vício da gula é pecado mortal?

R. Em quatro casos: o primeiro, quando nele se põe o último fim, como é quando se quebranta algum preceito, assim como o de jejuar ou de não comer certos manjares proibidos pela Igreja, ou se fez, ou deixa de fazer, alguma coisa de preceito por este vício da gula. O segundo, quando algum come ou bebe em grave dano do corpo ou da alma, sabendo-o provavelmente; porém, se fosse ignorantemente, ou se o dano fosse pouco, seria venial. O terceiro, quando um sabe que, bebendo, há de perder o juízo; porém, se beber desordenadamente e se embebedar, não crendo que lhe havia de acontecer isso, poderá ser venial; como também se acontecesse, bebendo regradamente, por não conhecer a fortaleza do vinho, como se crê que foi em Noé. O quarto, quando se faz por algum respeito que seja pecado mortal, como se fosse para melhor poder ter ajuntamento com quem de direito não pode; fora disso, será venial.

P. Quantas são as espécies deste vício da gula?

R. Cinco, assim como: comer antes do tempo, buscar manjares delicados, comer em grande quantidade, comer com ardente e excessivo desejo, pôr grande cuidado e diligência em aparelhar o comer.

P. Quantas filhas procedem deste vício?

R. Seis: uma néscia alegria, um muito parolar, chalratar, a bebedice, hebetidão no entendimento e toda a imundícia.

P. Por que se chamam estas coisas acima filhas da gula?

R. Porque o vício da gula perturba a razão, da qual coisa se seguem os desordenados movimentos, assim exterior como interiormente. Assim que é este vício da gula tão feio e torpe, que todos se deviam afrontar de o recolher em sua casa; mas vemos fazer-se pelo

contrário, antes cresce cada dia e se inventam mil modos de manjares. Diz um grave autor, tratando deste vício da gula: “Buscam-se estremados cozinheiros, e para coisa tão santa há escolas e livros da arte de cozinhar.” Com razão chamou Diógenes ao ventre dos comilões Caribdes da vida, porque tudo traga e não se farta. Caribdes é um penedo tragador que está ao mar, o qual somente recolhe em si e traga o que vai ao mar, e no cabo o torna a deitar fora; porém, ao ventre destes glutões não lhe basta o ar, nem a terra, nem o mar, nem os rios, antes comem e consomem casas, herdades e mais fazenda, e não as tornam a botar como o mar. Certo que é de espantar que se afronte um homem de ser cozinheiro de um príncipe, e não se afronte de o ser da terra e dos bichos, para os quais ceva seu corpo. Excelente colóquio sobre esta matéria foi o que teve o Bispo Gelvacense com um monge. Conta Helinando Monge desta maneira:

Perguntou o Bispo Gelvacense a um monge qual era a causa por que estava mais são e valente dentro na clausura do mosteiro, que não quando vivia no mundo. Respondeu:

– Porque continuamente vivo aqui de uma maneira, e com recato de minha pessoa. No mundo vivia de muitas maneiras, e com pouco recato e decência, donde se me seguiam enfermidades e frialdades.

Perguntou mais o bispo:

– Dize-me se comeste hoje bastante.

Respondeu:

– Bastante comi.

Replicou o bispo:

– Não te pergunto da quantidade, senão da qualidade. E assim me dize que comeste ontem e que comeste hoje.

Respondeu:

– Ontem comi ervilhas e ervas, e hoje ervas e ervilhas, e amanhã comerei ervilhas e ervas, e depois de amanhã ervas com ervilhas.

Desta maneira lhe deu a entender como a dieta de poucos manjares faz aos homens são e valentes.

Diferente foi o que tiveram certos homens em a noite antes de dia de cinza. Conta Cesário, lib. 4. c. 86.

Diz que aconteceu no seu tempo deste bispo Cesário e que ele os conheceu mui bem, que certos homens se ajuntaram o dia antes e cinza para comer. E depois que comeram e beberam, e até meia-noite, um deles, que parece estava ainda mal satisfeito, disse:

– Ainda agora podemos comer mais.

Chama um moço e diz-lhe:

– Vem cá, vai ao poleiro das galinhas e traze a que está junto ao galo, que sempre é a mais gorda, e põe-na a assar para comermos.

Fez o moço o que lhe mandaram. E quando foi para lhe tirar as tripas, achou dentro um grande sapo, e de espanto gritou, que o ouviram todos os outros. E vindo ver o que era, ficaram corridos e envergonhados, vendo o sapo, e castigados do pecado da gula. E fazendo penitência, se emendaram.

Bem se vê neste exemplo como Deus usa de misericórdia em todas as ocasiões com os pecadores. Aqui nesta história deu o meio que ouvistes àqueles homens para virem ao conhecimento de suas culpas, e no seguinte deu outro a uma religiosa, que neste vício da gula era mui solta.

O Venerável Beda, na *Vida de S. Borgunho*, conta que houve uma religiosa de nobre sangue, a qual, estando no mosteiro, começou sua vida com santidade; mas como o diabo não pode sofrer virtudes, procurou de a tentar, como costuma fazer; e experimentando a condição e natureza desta freira, achou que a mais fácil entrada por onde podia tentá-la era a gula, e assim o fez. Esta freira se inclinou a este vício de tal sorte que furtara quantas coisas achava de comer no mosteiro, e, metida na sua cela, satisfazia com elas a seu desordenado apetite de gulodice. Durou-lhe este vício alguns anos, fazendo-o com tanto segredo, que nunca veio à notícia de freira alguma. Porém, não querendo Deus que o seu mal fosse por diante, a castigou com uma pena bem a propósito de sua culpa. E foi que de todos os manjares lhe deu grande fastio e aborrecimento, dando-lhe somente gosto de comer farelos, folhas e raízes de erva, que são manjares de bestas. E passando-se alguns dias comendo só destes manjares, sucedeu uma vez que, começando ela a comer os farelos, juntamente viu que com ela comia um fero porco, o qual, grunhindo e roncando, espalhava os farelos por uma parte e pela outra. Ela com grande espanto lhe perguntou quem era.

– Eu sou o javali que até hora comi contigo os manjares que tu furtavas para satisfazeres à tua gula. Venho-te a dizer que por espaço de um ano não comerás outra coisa mais que esta que agora comes; em pena de te deixares como besta levar do apetite, comerás somente o que comem as bestas.

E assim foi como lhe disse aquele demónio em figura de porco, querendo nosso Senhor que o mesmo inimigo a ajudasse a levantar e que pagasse sua culpa no mesmo em que pecou, para que, satisfeita nesta vida presente, não perdesse a eterna.

Outra história vos contarei, em que Deus também castiga os que são muito amigos de vinho e com grande curiosidade o festejam e estimam, que parece que ali têm sua salvação.

O Bispo Cesário, lib. 10, cap. 63, diz que ele conheceu mui bem um clérigo que vivia em uma aldeia chamada Boge, junto a Colónia, o qual era grande amigo de comer e beber, e de ter bons vinhos em frascos e garrafas mui curiosas. Aconteceu que um dia, dando de beber por duas destas garrafas a um seu amigo, viu no fundo um espantoso sapo, e tão grande que não podia sair pelo colo da garrafa. Ficou espantado de tal visão; e porque estimava muito a garrafa, não a quis quebrar, antes a pôs no seu lugar, e daí a pouco a foi ver e não achou o sapo, porque desapareceu a visão com que nosso Senhor o quis repreender de ser tão amigo de beber. E notai ser a visão de sapo; porque os amigos de manjares delicados, que todos os seus cinco sentidos empregam neste vício da gula, no Inferno as suas iguarias e manjares são sapos, serpentes e bichos peçonhentos, como conta o mesmo Cesário na história seguinte, lib. 12.

Certo homem morrendo, deixou um seu filho por herdeiro dos bens que tinha adquirido por usura. Este era muito amigo de comeres saborosos e cada dia inventava manjares extraordinários. Depois de morto, uma noite veio a bater à porta de seu filho, o qual perguntou quem era. Respondeu:

– Eu sou o desventurado teu pai.

– Meu pai – disse ele – já é morto, não abro minha porta.

– Eu sou vosso pai e senhor da fazenda que vós possuís, portanto abri-me a porta. Finalmente, ainda que lhe conheceu a fala, não lhe abriu.

– Já que não fazes o que te digo – disse o pai –, aqui te deixo estes peixes que são os manjares que como no Inferno, onde estou e estarei sempre.

Foi-se, deixando-lhe pendurados na porta infinitos sapos e serpentes. Diferentemente aconteceu logo a outro homem, que também era dado a comer e beber em muita quantidade, buscando diferentes manjares, com que deleitava e curava seu corpo, e com a boa vida que levava veio a engordar de tal sorte que não podia consigo mesmo e as carnes lhe caíam umas sobre outras. Este, falando uma vez com seu cozinheiro para lhe fazer os manjares de diferentes invenções, respondeu o cozinheiro:

– Ah, senhor meu, quanto há de gostar o fogo infernal de derreter essa gordura que trazeis às costas!

Considerando ele aquelas palavras, disse consigo: “Todavia este diz-me a verdade e eu sou tão ignorante que não sei tratar senão de curar meu corpo, esquecendo-me e não curando da alma.” Foi coisa espantosa, que dali por diante fez muitas penitências, jejuando estreitamente, de sorte que veio a contentar a Deus pela penitência, mortificação e fraqueza em que pôs sua carne, pois que por esta ofendia a Deus. Conta esta história Joanes Júnior in *Scala Coeli*.

Digno é este exemplo de o trazer sempre na memória, para mortificar vossa carne e apetites dela; pois é o maior inimigo da alma.

P. Já sei que coisa é gula e quantas são as suas espécies e ramos que dela procedem, e tudo com seus exemplos. Mas, para que de todo me aborreça este vício, estimara saber algumas considerações e remédios para que mais facilmente a virtude da abstinência e temperança façam morada em minha alma.

Considerações sobre a virtude da temperança

R. O primeiro remédio seja considerar que Cristo Senhor nosso por S. Lucas nos proíbe este vício, quando disse: “Olhai, não se façam vossos corações pesados com demasiado comer e beber e com o descuido deste mundo.” Considerai e ponde os olhos naquela singular abstinência de Cristo nosso Salvador, o qual, não só depois do jejum do deserto, mas também outras muitas vezes, tratou mui asperamente sua carne santíssima e padeceu fome, não só para nosso remédio, mas também para nosso exemplo. Pois, se aquele que com sua vista mantém os anjos e dá de comer às aves do ar, padeceu fome por vós, quanta mais razão será que vós também por vós a padeçais. Considerai também a abstinência de todos aqueles santos padres do ermo, os quais, apartando-se para os desertos, crucificaram com Cristo sua carne com todos seus apetites. Puderam com o favor do Senhor sustentar-se muitos anos com raízes de ervas e fazer mui ásperas penitências e abstinências. Considerai também que este corpo, que assim regalais e criais com manjares com tanta deleitação, daqui a pouco tempo se há de comer de bichos, deixando de curar vossa alma, que logo há de ser apresentada diante do tribunal divino. E se for com fome de virtude, será condenada a eterno tormento; e sendo ela castigada,

não ficará o corpo sem castigo, por mais saborosos manjares que tenha comido; porque, como assim para ela foi criado, assim juntamente com ela será atormentado e castigado. Com razão dizia um autor: “Se ofereceres alguma obra virtuosa com trabalho de seu corpo, o trabalho passa e a virtude persevera; mas se fizeres alguma coisa torpe com deleite dela, isso passa, mas o castigo e o pecado fica. Ora, quando fordes tentado deste vício da gula, imaginai que já gostastes deste breve deleite, e que já passou aquela hora, que foi como um sono da noite passada. Este deleite deixa tristeza na consciência; e vencendo-o, a deixa contente e alegre. Finalmente refreai vossa natureza, não lhe façais a vontade, mortificai-vos com ela e não lhe cumprais seus desordenados apetites, tomando exemplo no que temos dito e na história seguinte.

Querendo jantar um arcebispo (no *Espelho dos Exemplos* se conta, exemplo último, palavra Gula, tomo 1), no princípio da mesa lhe puseram uns figos, por ser coisa de que ele muito gostava. Tomou um com excessiva vontade e desejo de comer e esqueceu-se de lançar a bênção. Vendo ele seu descuido, refreou seu desejo e apetite, dizendo:

– Senhora gula, muito festejais este manjar, muito alvoroçada estais para o comer, pois agora vos digo que haveis de fazer penitência e que os haveis de ver, e que não haveis de comer.

E assim deixou estar na mesa os bons figos, que por mortificar sua vontade, sem que neles tocasse não somente aquele dia, mas também pôs em sua vontade por todo um mês não comer daquela iguaria. E assim escapou da tentação da gula, pondo freio a seu apetite. O mesmo fazei vós e dissimulai com vossa vontade, lembrando-vos de vossa alma e do que disse Deus: “Ai dos que vos prezais de comedores e bebedores”; admoestando também S. Paulo a este propósito, dizendo: “Não vos deis ao vinho, porque daí nasce a luxúria; e os amigos de comer e beber não alcançarão o Céu”. Da mesma maneira diz também Isaías: “Ai dos que vos prezais e mostrais vossa valentia em beber e vossa fortaleza em vos emborrachar.” De modo que, com estas pias considerações, podeis vencer vossos apetites, quando não quiserdes pôr os olhos nos exemplos que a este propósito vos contei.